

A TO CONJUNTO DE PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E ESTUDANTES

PELO FIM DA DELIBERAÇÃO 03/2023! POR UMA PUC-SP ANTIRRACISTA!

Os três setores da universidade realizaram um ato conjunto, na segunda-feira, 10/11, na Prainha do campus Monte Alegre.

No início da reunião o presidente da APROPUC João Batista Teixeira, relatou o andamento da mobilização, que desde o início do semestre vem realizando reuniões e levantamentos, especialmente nas áreas dos contratos docentes, interferências da Fundasp na vida acadêmica da universidade e transparência das contas da universidade. Nesse sentido, as comissões, tiradas das reuniões abertas da APROPUC, realizaram levantamentos que culminaram em publicações no PUCviva. O ato de segunda-feira iniciou-se às 17:30 com a fala do presidente APROPUC seguida da fala do presidente da Fepesp, Federação dos Professores do Estado de São Paulo, que veio prestar a sua solidariedade aos docentes da PUC-SP. O professor Ailton Fernandes afirmou que tanto a FEPESP, como o Sinpro-SP, estão enviando moções de solidariedade (que publicamos na página 2 dessa edição). Para o presidente da FEPESP, a situação vivida pela PUCSP é absurda: "querem tirar direitos históricos

da universidade, transformando a educação em mercadoria para especulação financeira. Chegamos ao acinte de contratar docentes negros pagando menos que os docentes mais antigos da universidade".

Relato das Comissões

Antes dos relatos foi realizada uma homenagem à professora Carla Garcia, falecida na última semana. Também foi lembrado o falecimento da militante Maria do Carmo, ambas saudadas com palmas convocando para a memória de suas presenças. "Carla e Maria do Carmo, sempre presentes!"

A seguir os professores participantes das comissões de trabalho relataram suas atividades durante as últimas semanas. Mais do que um enunciado de dados, os docentes procuraram expor as consequências daquilo que revelaram as apurações.

Nesta direção lembraram a urgência da extinção da deliberação 03/2023, que faz com que os novos contratados, prioritariamente negros devido a normativa aprovada no Consun, sejam contrata-



Fotos Rafaela Serra e divulgação

Continua na página seguinte

Nas fotos acima alguns momentos da manifestação: acima o público presente; ao lado a manifestação do professor Luiz Augusto, Tuto; ao centro o presidente da APROPUC, João Batista Teixeira, tendo ao lado o presidente da Fepesp Ailton Fernandes; ao lado a intervenção dos professores que relataram os resultados da Comissão de Contratos; abaixo a intervenção da professora Bia Abramides

Continuação da página anterior

dos com salários inferiores aos antigos professores e trabalhando com contratos cada vez mais aviltados.

Para esses docentes, a PUCSP tem no seu DNA a cultura negra, em função dos intelectuais por ela formados, como Abdias Nascimento, que em 1980 fundou na PUC-SP o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), e hoje se encontra na triste situação de rebaixar docentes negras e negros a níveis de precarização perversos.

Comissão de autonomia

O professor Luiz Augusto de Paula, Tuto, representando a Comissão de Autonomia Universitária, relatou as constatações a que chegaram os docentes, mostrando o quanto a universidade perdeu de sua autonomia anterior. Principalmente, destacou que uma das principais conclusões dessa Comissão é que não se pode pensar em autonomia sem se levar em conta uma política antirracista.

Para o professor, as decisões da PUC-SP, até 2006, eram encaminhadas coletivamente. Porém, após as demissões e a intervenção da Fundasp, a autonomia universitária deixou de existir na PUC-SP. “Com intenção ou não, a Fundasp descaracterizou o projeto de universidade da PUC-SP e hoje defender a

autonomia universitária começa na luta antirracista”.

Importância da luta dos estudantes

A professora Bia Abramides, do Pós em Serviço Social, em uma intervenção que “fez o público saltar do chão”, reforçou a importância da participação dos estudantes na mobilização dos professores. Para a docente, a ocupação estudantil do primeiro semestre foi fundamental para a resistência da universidade ao projeto da Fundasp. “Nossa luta é unificada, professor, estudante e funcionário”, concluiu a professora.

Os representantes estudantis relataram sua solidariedade aos professores e sua disposição de continuarem na luta que, para eles representa uma luta conjunta.

Uma das falas mais contundentes foi o do Centro Acadêmico de Psicologia, que afirmaram ser o curso que mais recebeu professores negros após a resolução 03/23. Segundo as estudantes, durante a semana de mobilização, no 1º semestre, os alunos entenderam que a pauta central de seu curso era a questão dos salários dos docentes negros. “Quando essa pauta foi levada para a mesa de negociação com a Fundasp, nós recebemos como resposta que era inegociável. Como resposta, nos disseram que ‘não pagamos menos para os professores negros, nós pagamos

menos para os brancos, para os amarelos, para os pardos, para os indígenas, para os alienígenas.’ Ou seja, a fundação ridicularizou a questão racial dentro da universidade.”

A professora Priscilla Cornalbas, ex-presidente da APRO-PUC, relatou o processo de privatização acelerada da universidade, que culminou na

política de cunho racista hoje adotada.

Ao final da reunião o professor João Batista Teixeira enfatizou que a luta da comunidade deve continuar no próximo semestre, pressionando a Fundasp pelo fim da Deliberação 03/2023, por Isonomia dos Trabalhadores e por uma Política Antirracista.

Funcionários e professores discutem as ingerências da Fundasp na PUC-SP

Na manhã do dia 10/11 aconteceu a primeira parte da Reunião Aberta, na Prainha, uma espécie de esquenta chamando para o Ato da noite. Estiveram presentes alunos, professores e funcionários, que fizeram discursos sobre as questões salariais, pela revogação da resolução 03/23, pelo antirracismo e a autonomia universitária, que aflige toda a comunidade puquiana. Na sua fala, Rivaldo Oliveira, primeiro secretário da AFA-PUC, salientou que a categoria dos funcionários é uma das mais vulneráveis dentro da universidade, porque sofre uma pressão enorme em seu

seu local de trabalho.

“Ficamos muito sensíveis de fazer uma fala e outra a gente fazia isso com muita frequência, porque éramos muito fortes. Hoje em dia nós estamos mais enfraquecidos por conta de toda uma política da própria Fundação. Então, queremos ser solidários e pegar um pouco dessa energia para trazer para nossa categoria e, assim, fortalecer todos os movimentos.” Finalizou ressaltando que o fortalecimento não é só pela luta antirracista, mas é a luta dos trabalhadores em geral, que estão interligados.

Também participaram da reunião ou manifestaram seu apoio aos docentes da PUC-SP Sinpro-SP, Fepesp, Cress Conselho Regional de Serviço Social, Cfess Conselho Federal de Serviço Social, Abepss Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, Secretaria de Negros e Negras de Combate ao Racismo ao Racismo do Sindicato dos Trabalhadores da USP- Sintusp, Associação Nacional de História. Além dos Cas (Psico, Serviço Social, Ciencias Sociais, Relações Internacionais) e Coletivos Saravá e Locomoção. Dos partidos UJC, PCBR e POR.

NOTA DE APOIO À APROPUC DO SINPRO-SP

O Sindicato dos Professores de São Paulo (SinproSP) coloca-se, mais uma vez, ao lado da APROPUC e dos docentes que lecionam na PUC-SP. O que está acontecendo nesta Universidade beira o absurdo.

A FUNDASP deve revogar imediatamente a deliberação 03/2023, que precariza o ensino, ameaça o projeto

de Universidade e discrimina docentes nas novas contratações, rebaixando salários em relação aos contratos já existentes.

Tal procedimento foi instaurado, estranhamente (ou não), após a adoção da política de cotas, ou seja, estes novos contratos são constituídos prioritariamente por docentes negros.

Há ainda a reivindicação por autonomia universitária nas dimensões didático-científica e acadêmica, transparência das informações e dados da PUC-SP em posse da FUNDASP e o desenvolvimento de uma cultura universitária efetivamente antirracista e diversa.

A diretoria do SinproSP estará presente no ato con-

vocado pelos docentes na próxima segunda-feira, 10 de novembro, dividido em dois momentos: às 11h30, com uma roda de conversa, e às 17h30, em ato com a participação dos três segmentos da Universidade, ambos na Prainha, como divulgado no jornal PUCViva -edição 1292.

Diretoria do SinproSP

FEPESP PRESTA SOLIDARIEDADE À APROPUC

A plenária de delegadas e delegados representantes dos 26 Sindicatos integrantes da Fepesp - Federação dos Professores do Estado de São Paulo, no encerramento do XI Congresso, expressou solidariedade à Apropuc e aos docentes que lecionam na PUC-SP. O que está acontecendo nesta Universidade beira o absurdo.

A Fundasp deve revogar

imediatamente a deliberação 03/2023, que precariza o ensino, ameaça o projeto de Universidade e discrimina docentes nas novas contratações, rebaixando salários em relação aos contratos já existentes. Tal procedimento foi instituído, estranhamente (ou não), após a adoção da política de cotas, ou seja, estes novos contratos são constituídos prioritariamen-

te por docentes negros. Há ainda a reivindicação por autonomia universitária nas dimensões didático-científica e acadêmica, transparência das informações e dados da PUC-SP em posse da Fundasp e o desenvolvimento de uma cultura universitária efetivamente antirracista e diversa. A sessão final da plenária do XI Congresso, por unanimidade, deliberou apoiar

integralmente o ato convocado pelos docentes na próxima segunda-feira, 10 de novembro, dividido em dois momentos: às 11h30, e às 17h30, na Prainha, que contará com a participação dos três segmentos da Universidade.

Plenária de delegadas e delegados ao XI Congresso da FEPESP - Campinas - 9/11/2025

TODO APOIO À MOBILIZAÇÃO NA PUC-SP CONTRA O RACISMO, EM DEFESA DA AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA E DA EDUCAÇÃO

Estamos acompanhando com grande preocupação a crescente precarização das condições de trabalho dos professores e trabalhadores da PUSC-SP que vem sendo denunciada pela Associação de Professores da PUC-SP (APROPUC). O avanço na precarização das condições de trabalho ataca não apenas os professores e trabalhadores, mas inevitavelmente atinge os estudantes ao deteriorar a qualidade do ensino e avançar para um projeto que trata a educação como mais uma mercadoria.

A resolução 03/2023 da FUNDASP (Fundação São Paulo), que institui um novo modelo de contratação para os professores a partir de julho de 2023, vem precarizando as condições de trabalho e ensino, discriminando os professores aprovados nas novas contratações, rebaixando salários em relação aos contratos já existentes.

Além de aprofundar o ataque a isonomia salarial da universidade essa medida recai principalmente sobre os professores negros, contratados a partir de 2023 com as políticas afirmativas para contratação de docentes instituídas nesse mesmo ano. É lamentável que algo assim ocorra na PUC-SP, uma universidade que há

tão pouco tempo tenha ganhado notoriedade pelos casos de racismo veementemente repudiados pela APROPUC e outras entidades. No Brasil, que foi o último país das Américas a abolir a escravização de negras e negros e, onde é notável a herança racista em nossa sociedade, manifesta entre outras formas na desigualdade salarial das negras e negros, na violência policial e na precarização do trabalho é ainda mais importante que no espaço da universidade não sejam naturalizadas estas expressões do racismo.

Por tudo isso, apoiamos incondicionalmente a mobilização dos docentes, trabalhadores e estudantes contra a precarização das condições de trabalho e ensino e contra a discriminação imposta aos professores negros e em defesa da autonomia universitária nas dimensões didático-científica e acadêmica bem como a transparência das informações e dados da PUC-SP em posse da Fundasp. Apoiamos a exigência de que a Fundasp revogue imediatamente a deliberação 03/2023 e que garanta a equiparação salarial já! **Secretaria de Negras, Negros e Combate ao Racismo do Sindicato dos Trabalhadores da USP.**

Nota de apoio do CRESS-SP

O Conselho Regional de Serviço Social 9ª Região, gestão 2023-2026 "Nossas Histórias vêm de longe pra quem o amanhã não seja só um ontem" vem através deste manifestar seu apoio irrestrito à luta da comunidade universitária da PUC-SP.

Entendemos o combate ao racismo nas universida-

des, o respeito à autonomia universitária e a transparência nas informações são fundamentais para garantirmos um ensino de qualidade comprometido com os princípios democráticos constitucionais.

Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo -9ª Região

APOIO À LUTA UNIFICADA DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA DA PUC/SP

Prezadas/os,

1. O Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, gestão “Que nossas vozes ecoem vida-liberdade” (2023-2026), manifesta o seu apoio à luta unificada da comunidade universitária da PUC/SP por considerar sua agenda de reivindicações legítima e fundamental para o enfrentamento à precarização do trabalho, ao racismo institucional e pela defesa da autonomia universitária.

2. Um projeto de educação superior vinculado à um projeto societário emancipatório, comprometido com o conhecimento e com a transformação da realidade social

só terá êxito: se valorizar professoras(es) em suas atividades acadêmicas, equiparando, inclusive, salário e condições de trabalho; se respeitar a autonomia universitária e; se assumir práticas antirracistas e em defesa da diversidade humana.

3. Valorizando a organização política da comunidade acadêmica, no ato chamado para essa data e reconhecendo o importante significado da instituição para o Serviço Social brasileiro, enviamos o presente apoio.

Atenciosamente,
KELLY MELATTI
Conselheira Presidenta
Conselho Federal de
Serviço Social – CFESS

SOLIDARIEDADE À LUTA DA PUC-SP CONTRA O RACISMO E PELA AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

A Associação Nacional de História por sua seção de São Paulo manifesta seu apoio à mobilização da comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por seus docentes, discentes, funcionários.

A ANPUH-SP se manifesta contra o agravamento da precarização do trabalho docente na PUC-SP, denunciado pela Associação de Professores (APROPUC). A deterioração das condições de trabalho não afeta apenas docentes e funcionários, mas compromete diretamente o ensino e reforça uma visão da educação como mercadoria e fortalece o racismo institucional.

A Resolução 03/2023 da FUNDASP constitui um grave retrocesso. A medida foi editada depois de o Conselho Universitário da própria instituição haver aprovado, em abril de 2023, uma política de ações afirmativas para a contratação “exclusiva” de professores negros. Ao mesmo tempo que a universidade busca ampliar seu quadro docente negro – com a meta de atingir 37% até 2029 –, a nova resolução institui um regime de contratação com salários inferiores. Dessa forma, na prática, a FUNDASP criou um sistema discriminatório que atinge justamente os novos docentes negros beneficiados pela política

afirmativa, impondo-lhes condições de trabalho precarizadas. É por essas consequências graves que a ANPUH-SP se soma à luta pela imediata revogação da Resolução 03/2023.

Diante deste cenário, expressamos total respaldo às mobilizações da comunidade da PUC-SP quando:

- Lutam contra a precarização do trabalho e do ensino;
- Combatem a discriminação racial institucionalizada;
- Defendem a autonomia universitária em suas dimensões acadêmica, científica e pedagógica sem as ingerências da FUNDASP;
- Exigem transparência na gestão da PUC-SP por sua própria mantenedora.

A ANPUH-SP reafirma seu compromisso com a dignidade docente e a justiça racial. Não se pode sustentar medidas que perpetuam desigualdades e desrespeitam a autonomia universitária. Pela revogação imediata da Resolução 03/2023 e pela construção de uma universidade verdadeiramente inclusiva, antirracista e livre da precarização. Pelo reconhecimento histórico da PUC-SP como universidade humanista e democrática.

Associação Nacional de História Seção de São Paulo

Moção de Apoio – ABEPPSS

A direção regional da ABEPPSS Sul II, gestão 2025-2026, “A Certeza na frente, a história na mão: Serviço Social e luta coletiva” manifesta seu apoio à luta unificada da comunidade universitária da PUC-SP e se solidariza com sua agenda de rei-

vindicações, por condições dignas de trabalho, pela autonomia universitária, contra a precarização e interferência na vida acadêmica e contra o racismo institucional.

Direção da Regional Sul II ABEPPSS

AFAPUC realiza caminhada

A AFAPUC, o PAC e a Pró-reitoria de Cultura e Relações Comunitárias (Pro-CRC), promoverá uma Caminhada a ser realizada dia 29/11 (sábado) às 08h30. A intenção é incentivar os(as) trabalhadores(as) em uma atividade física e lúdica. O trajeto partirá do campus Monte Alegre e irá até o campus Marquês de Paranaguá. A atividade terá apoio do Sindicato de Auxiliares de Administração Escolar - SAAESP.

As vagas serão limitadas e a participação de associados(as) será gratuita. Os demais funcionários(as) poderão se inscrever mediante pagamento de 35 reais e pessoas externas 50 reais, de acordo com as vagas remanescentes.

Associados(as), receberam por e-mail a Ficha de Inscrição que deverá ser preenchida, assinada e enviada (por e-mail ou pessoalmente na sede da AFAPUC) até às 17h do dia 19/11/2025. Os demais interessados deverão solicitar a Ficha pelo e-mail: afapuc@gmail.com .

Eleições movimentam os CAS da PUC-SP

Os centros acadêmicos das faculdades do Campus Monte Alegre da PUC-SP estão em período de eleições. No final de outubro, foi eleita pelo terceiro ano seguido a chapa Alvorecer, do Centro Acadêmico 22 de Agosto, para o curso de Direito. Já no começo do mesmo mês, foi vitoriosa a chapa Márcia Eurico, para o centro acadêmico Amarildo de Souza, de Serviço Social. Nessa semana estão ocorrendo as eleições para o centro acadêmico Leão XIII, da FEA, Benevides Paixão, de Jornalismo e na semana que vem, para o curso de Ciências Sociais. A chapa Baobá foi a eleita para o centro acadêmico de Relações Internacionais.



Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Edição: Valdir Mengardo

Reportagem e Fotos: Sthefane Mattos

Revisão: Marina D'Aquino

Arte /Editoração : Valdir Mengardo

Editora Assistente Rafaela Serra

Conselho Editorial: João Batista Teixeira da Silva, Elaine Alves Trindade, Victoria C. Weischordt, Regina Gadelha, Rodrigo Mariano Costa e Rivaldo Carlos de Oliveira

APROPUC: Rua Bartira, 407 - Cep 05009-000 - Fone 3872-2685

AFAPUC: Rua Ministro Godoy, 1055 - Fone 3670-8208

PUCviva: Fone/WhatsApp: 3872-2685

Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br

Pucviva na internet: www.apropucsp.org.br



CARLA GARCIA

Faleceu no domingo, 9/11, a professora Carla Cristina Garcia, do Departamento de História e Programa de Psicologia Social.

Carla iniciou o seu percurso na PUC-SP em 1984 quando começou sua graduação, concluída em 1988, ano em que entrou no Mestrado, em Ciências Sociais, concluído em 1991, com a dissertação “Ovelhas na Névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura”. Seguiu-se o doutorado concluído em 2000, com a tese Hambre del Alma.

Sua carreira profissional na PUC-SP iniciou-se em 1996, estendendo-se até este ano, na Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Psicologia

Social, sendo coordenadora do Inanna, Núcleo de Pesquisa em Sexualidades, Feminismos, Gêneros e Diferenças.

Carla deixou uma vasta bibliografia onde se destacam os temas de gênero, mulheres, condição social, relações sociais e políticas sociais. Entre os títulos publicados pela docente destacam-se Ovelhas na Névoa um estudo sobre mulheres e a loucura (Ed. Rosa dos Tempos/Record); Produzindo Monografia (Ed. Limiar); As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul (Ed.Hucitec); Hambre del Alma as escritoras e o banquete das palavras(Ed. Limiar) e Sociologia da Acessibilidade (IESD); Bre-

ve História do Feminismo (Nova Alexandria); O rosa, o azul e as mil cores do arco-íris (Annablume).

O professor Luiz Antonio Dias diretor adjunto da Faculdade de Ciências Sociais divulgou uma nota emocionada aos seus colegas de Faculdade.

“É com profunda tristeza que recebo e transmito a notícia do falecimento de nossa querida amiga e colega Carla Garcia.

A incredulidade se intensifica ao lembrar que, há menos de uma semana, enviei uma nota de pesar pelo falecimento de sua mãe.

Carla era uma pessoa espirituosa, de opiniões firmes, que

jamais hesitava em expressar seus posicionamentos com clareza e convicção. Essa combinação de espírito crítico e personalidade cativante deixou marcas profundas em todos que tiveram o privilégio de conviver com ela.

Perdemos uma excelente professora, uma pesquisadora comprometida e, sobre tudo, uma amiga com quem compartilhei ideias, reflexões e afinidades de pesquisa.

Expresso meus mais sinceros sentimentos à família, aos amigos e a todos que tiveram a sorte de conhecê-la e com ela conviver. Que sua memória permaneça viva em nossas lembranças . Descanse em paz, querida amiga”.

PUC-SP é a 7ª colocada entre as universidades particulares

A Folha de São Paulo divulgou, na semana passada, o seu Ranking dos melhores cursos e universidades do Brasil (RUF) Por diversas vezes criticamos aqui nestas páginas esse tipo de avaliação, que, via de regra, privilegia fundamentalmente fatores merca-

dológicos, em detrimento dos parâmetros fundamentais do ensino e pesquisa.

A PUC-SP ficou colocada no 7º lugar entre as universidades particulares e no 54º no ranking geral do Brasil. Embora essa colocação represente um avanço em

relação ao ranking anterior, nota-se que no quesito pesquisa a universidade ocupa um modesto 100º lugar, fruto do descaso com que essa parcela fundamental da atividade docente vem sendo tratada nos últimos anos, com suspensão de dotações por

parte da mantenedora.

A Reitoria informou no último Consun um novo projeto para a pesquisa acadêmica, aprovado pela Fundasp, mas que designa uma verba pouco alentadora e que, provavelmente, pouco modificará a atual situação.

FALA COMUNIDADE

Ventos de mudança sopram pela PUC-SP, e desta vez, eles vêm carregados com o peso e a força da vontade popular

Laís Hera

Após uma longa e custosa gestão universitária marcada pela apatia, conservadorismo institucional e pelo acúmulo de perdas — redução dramática no corpo discente, pífolios indicadores de pesquisa, péssima comunicação nas redes sociais e o esvaziamento de horizontes — emergiu uma nova geração que se recusa a aceitar o comodismo. Uma geração que entendeu que não se pode esperar o futuro mudar a vida, porque o futuro é a consequência do presente. E é no presente, no chão da Universidade, que nós, do Alvorecer, estamos agindo.

Essa transformação não veio do nada. Ela floresceu no diálogo real, no corredor, na sala de aula, na PUC real, na escuta atenta a quem vive esta universidade todos os dias. Desde 2022, os estudantes do Direito reafirmam isso nas urnas: querem renovação, coragem e futuro. E, agora, em 2025, o Alvorecer alcança seu quarto mandato consecutivo no Centro Acadêmico 22 de Agosto, com 930 votos (!!!) — o maior número de votos em uma chapa concorrente ao 22 já registrado. Isso não é acaso. É compromisso. É trabalho sério. É presença constante. É a certeza de que vencer sozinha, pra mim, seria derrota — porque esta caminhada é coletiva.

Assumir a presidência do CA22 como mulher negra, periférica, prounista e cria da escola pública é carregar comigo a prova viva de que a PUC é maior quando abre espaço para todos. Que uma universidade democrática, popular e inovadora não é um slogan: é uma construção diária, feita com humildade e firmeza, com responsabilidade e visão de futuro.

Nossa comunidade já escolheu seu caminho. Há três tipos de gente: os que imaginam o que acontece, os que não sabem o que acontece, e nós que, agregando as maiorias silenciosas, fazemos acontecer.

A minoria que se agarra às estruturas arcaicas da Universidade e resiste à renovação pode ser barulhenta, mas irrelevante para a construção do futuro. São pessoas que confundiram tradição com estagnação e que, acostumadas aos velhos privilégios de cargos e ao conforto do status quo, tentam deslegitimar as conquistas de uma Universidade que, inegavelmente, se abre para um novo momento. Gente que, talvez pela incapacidade de ver que os tempos são outros, ironiza, em textos públicos de muito mal-gosto, os novos funcionários compromissados com a Instituição.

Mas nós sabemos bem: não são eles que representam mais a PUC-SP.

Quem representa esta universidade hoje é o conjunto

de estudantes que acordam cedo para estudar, os professores que se dedicam a ensinar e pesquisar com seriedade, e os funcionários que sustentam cada pedaço desta instituição com dignidade e, lamentavelmente, pouco reconhecimento histórico. São essas pessoas que constroem o futuro — não os que tentam impedir que ele aconteça.

A zona de conforto é onde os sonhos morrem; a zona de conflito, onde esses covardes correm. E é justamente ali, no terreno das ideias que enfrentam resistência, que nossa gestão escolheu estar — porque é na coragem transformadora que os grandes projetos nascem, crescem e se fortalecem, sempre com trabalho sério e sem atalhos. Por isso, deixamos um recado firme e sereno a quem tenta minar esse caminho: não há volta quando a democracia decide avançar. Não há muralha capaz de deter uma geração inteira que acredita no que constrói. A comunidade já falou — e continua falando — com clareza e convicção. A PUC-SP não quer mais quem, por décadas, teve oportunidade e nada fez.

A disputa na PUC-SP não é entre grupos; é entre projetos. De um lado, aqueles que insistem em manter uma Universidade fechada, apática e distante da realidade popular; do outro, a maioria que defende acesso, permanência, cursos

melhores e a construção de uma nova PUC: Democrática, Popular e Inovadora.

Nossa confiança está nos que constroem a PUC de verdade — nos alunos em sala de aula, nos professores dedicados e nos funcionários que diariamente se preocupam efetivamente com uma PUC melhor. A eles, reafirmamos que não pararemos por aqui. A transformação que a PUC-SP vive é uma necessidade histórica e um projeto que está sendo construído com as flores nas mãos e os pés fincados no chão da realidade. Não há força minoritária e irresponsável capaz de enfraquecer a verdadeira democracia puquiana, aquela que trabalha com seriedade e urgência de futuro.

A PUC-SP está se renovando. Está se abrindo. Está respirando de novo. Surgiu uma nova força verdadeiramente progressista em nossa instituição, com coragem de diagnosticar os problemas e desafios da universidade, e disponibilidade para arregaçar as mangas, traçar soluções e entregar resultados concretos — sem papo furado e ideias mofadas.

Porque, aqui, a gente não espera o futuro mudar nossa vida. A gente muda o presente — e o futuro vem na consequência.

Laís Hera - estudante de Direito - presidente eleita do CA 22 de Agosto

Grupo de pesquisa de jornalismo lança a revista *Nosotras*

Na segunda-feira, 03/11, aconteceu o lançamento da segunda edição da Revista *Nosotras*, fruto do grupo de pesquisa Mulher e Mídia do curso de Jornalismo da PUCSP formado por professoras, funcionárias, alunas e ex-alunas do curso. Em comemoração, foi realizado um evento juntamente com o Clube de Cinema Arlindo Machado, do Curso de Multi-mídia, seguido pela exibição do filme *Manas* (2024) dirigido por Marianna Brennand, com a presença da própria diretora e da jornalista e crítica de cinema Paula Jacob.

As integrantes do coletivo primeiramente apresentaram a revista com a leitura de um editorial portentoso, o qual apresentava situações de opressão vividas pelas mulheres e incentivava uma

maior representatividade político-social: “*Nosotras* é a apropriação da nossa pluralidade, da ressignificação da categoria de sermos o Outro para sermos muito mais.” As integrantes apontaram os altos e baixos de suas produções, curiosidades e motivações das escolhas de pautas. Em seguida, foi exibido o filme *Manas* que fala sobre a história de uma jovem de 13 anos que vive na Ilha de Marajó em uma realidade de violência e abusos, que busca um futuro diferente. A cineasta Marianna Brennand fala que o tema veio de uma conversa com a cantora Fafá de Belém, que a explicou existir muito abusos sexuais dos próprios familiares para com as jovens da região, além de prostituição de menores. Brennand disse que faz filme porque acredita



Na foto maior os participantes do debate; no destaque as autoras da revista Pary Souza, Anna Feldmann e Rafaela Serra

no cinema como ferramenta de transformação social e política e, para ela, fazer uma sessão na PUC-SP é muito importante, porque “precisamos que esse debate atinja diversas camadas de pensamento e da sociedade.” O longa

foi premiado mundialmente e ganhou o Prêmio Talento Emergente Women In Motion no Festival de Cannes. Para a leitura da segunda edição da Revista acesse <https://www.pucsp.br/mulheremidia/revista-nosotras>

Livro debate exploração capitalista e opressões

Na quarta-feira, 12/11, foi lançado o livro “Marxismo e questão latino-americana: Lutas sociais classistas contra a exploração capitalista e as opressões de gênero, raça, populações indígenas e LGBT-QIAPN+”, resultado de uma produção coletiva a partir de discussões realizadas pelo NEAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas Marxistas). O projeto foi organizado pela professora Beatriz Abramides, que mediou o lançamento com a presença das autoras e autores. O livro trata, fundamentalmente, da relação entre a luta contra as opressões no modo de produção capitalista e a exploração. Vinculando sempre a unidade da diversidade, a relação entre raça, sexualidade, etnia, classe e gênero. A pro-



Acima a mesa do debate coordenada pela professora Bia Abramides

fessora Bia Abramides aponta que o livro parte de uma constatação de que a classe trabalhadora sofre um racismo estrutural que se manifesta de forma intensa.

Ela destacou o racismo estrutural existente no país, tanto com a população negra como a indígena, e a opressão contra os grupos LGBTQIAPN+:

“Esse é o país que mais mata mulheres travestis e trans. É de uma gravidade brutal, onde genocídio da população negra é violento. Jovens são assassinados nas periferias das grandes cidades e também das cidades médias desse país. E nós convivemos com situações bárbaras, como foi a chacina do Rio de Janeiro da se-

mana passada, provocada pela extrema direita, de forma mais brutal e violenta”.

Além do debate sobre as opressões, o NEAM também refletiu sobre o papel do assistente social, sua atuação e vinculação às lutas dos trabalhadores a um projeto emancipatório alinhado com as lutas sociais.